**A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA ENTRE *É ISTO UM HOMEM*? (1947) E *OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES* DE PRIMO LEVI (1986): A TESTEMUNHA, O INTELECTUAL E O NARRADOR**

Átila Fernandes dos Santos[[1]](#footnote-1)

INTRODUÇÃO

A experiência de Levi transmitida em *isto é um homem? (1947)* e *Os afogados e os sobreviventes* (1986) é uma possibilidade promissora, pois procura descrever em seus pormenores uma narrativa. Levi em *isto é um homem?* fala da máquina de matar que se ergueu contra os judeus. E foi em lugares como Auschwitz, que os nazistas operavam essas máquinas, torturando, esmurrando, escravizando, queimando e transformando os judeus em cinzas. Os nazistas tentaram de tudo para não deixar rastro nenhum, contudo o rastro lembra a ausência de algo que existiu, a calamidade causada não deixou de existir e de lembrar o que a humanidade é capaz de fazer (GAGNEGBIN, 2006). Primo Levi, em *Os afogados e os sobreviventes*, procura compreender o que os alemães fizeram, em seus nove capítulos para além de Auschwitz. São eixos de sua construção: a memória, a condição, a violência, a juventude que não viu esses eventos, o presente e o futuro, todos esses elementos que não se esgotam em Auschiwtz são inquietações de alguém que saiu daquela atmosfera densa e, incessantemente, buscou respostas para o seu presente, sua narrativa evidencia a necessidade do ato de investigar.

Auschwitz é muito estudada diante dos relatos das testemunhas, as apreensões sobre o que elas viram e escreveram podem ser caracterizadas como traumáticas por se tratar de uma marca imputável, inesquecível de quase-morte e inédita (SELIGMANN-SILVA, 2000). Giorgio Agamben (2007) chama a circunstância dos sobreviventes que narram de ‘‘paradoxo de Levi’’. Essa teoria do trauma diagnosticou que o relato dos sobreviventes é incompleto, irrepresentável de maneira integral para o objetivo de compreender a concretude da Shoah. Todavia, de onde nasce essa certeza? Ela surge da constatação clara de que a testemunha não viveu toda a violência dos campos e por isso sobreviveu. O muçulmano – termo refletido por Primo Levi e Analisado por Agamben – é aquele que viveu a ‘‘totalidade’’ do *Lager*, mas não consegue se comunicar por ter perdido a capacidade de raciocinar o trauma. Desse modo, as testemunhas que vivem e conseguem falar não têm uma experiência completa. Entretanto, a história como conhecimento teria a função de recuperar tal completude? Segundo a teoria literária do testemunho, a morte ou a ‘‘muçulmanização’’ da ‘‘testemunha total’’ torna a possibilidade de ‘‘recuperar’’ essa experiência improvável. Tal interpretação advém de uma análise literal das questões de Primo Levi sobre suas memórias no campo, esse lugar intocável pode ser diagnosticado como um *abuso da memória* segundo uma concepção ricouriana. Precisamos de outro olhar.

Levi escreveu livros que trazem uma experiência, distinta daquela dos *lager* (campos alemães). E, para além da experiência de vida em um lugar de perigo, calamidade e morte, recorre a uma busca incessante pela produção, narrativa, transmissível. Tal procura, mais do que necessidade de replicar uma imagem do que foi Auschwitz, é um itinerário, uma reconfiguração da narrativa que se apresenta como uma tentativa de compreender aquilo que ‘‘pode-ser’’. A narrativa que sobressai desse lugar nos permite traçar o desafio de compreender um narrador, um intelectual, uma testemunha. As obras escolhidas norteiam a discussão das possibilidades de narração, de interpretação da testemunha narrador que traz uma mensagem para além daquilo viveu, uma experiência que parte da sua produção intelectual. E para tal desafio, nosso referencial analítico será o conceito de experiência (*erfahrung*) de Walter Benjamin.

JUSTIFICATIVA

**Uma saída para o testemunho seguindo os passos do humilde narrador**

Nossa investigação se coloca na problematização do gênero literário de testemunho, e nesse âmbito nossa motivação possibilita a reflexão sobre o pensamento histórico da Teoria da História. Os elementos como a representação da testemunha e de seus limites a partir de duas obras de Primo Levi serão investigados. A partir de *isto é um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes* temos o relato de um sobrevivente de Auschwitz que viveu e experienciou a *Shoah* (calamidade, catástrofe). O evento limite, segundo a teoria literária do trauma significa uma proximidade com o perigo de quase-morte, desse modo, o sujeito passa por um impactante momento em que tem dificuldade de defini-lo, pois, seu aparelho cognitivo é comprometido pela falta de referenciais para expressar tal acontecimento. Essa abordagem bebe da teoria psicanalítica que lhe ajuda a construir um repertório crítico sobre a violência que a testemunha sofreu. Os campos de concentração, sua atmosfera densa e opressiva carrega uma experiência de choque que atinge o sujeito, prisioneiro dos campos. Em nossas observações mostraremos que certos autores divergem em posicionar Levi como sujeito que viveu o chamado evento-limite.

Agamben fazendo comentários a respeito dos testemunhos de Primo Levi aponta que a testemunha (testis) é alguém que se põe como terceiro para narrar algo. Assim, Levi não seria uma ‘‘testemunha integral’’, isto é, aquele que viveu toda a especificidade dos campos e ‘‘chegou ao fundo dos campos’’, isto é, – ao evento-limite – aquilo que Agamben chama de supertestis. Para Agamben, a testemunha sobrevive exatamente por não ter vivido dois aspectos fundamentais do testemunho em Auschwitz; a morte e a ‘‘muçulnanização’’. O primeiro poderia decorrer do encontro com a morte rápida por espancamento ou lenta pela fome e doenças, por fim, pelas câmaras de gás. O segundo fator, o mulçumano é aquele empobrecido pelos campos, primeiro fisicamente e depois mentalmente, este é aquele que marcado pela insensibilidade, irracionalidade e perda da consciência, contudo, fisicamente falando não perdeu a vida. Para Agamben, seguindo a análise de Primo Levi, o mulçumano seria aquele que carrega o testemunho dos campos, contudo, este perdeu a habilidade de falar e pensar devido ter chegado ao ‘‘fundo’’ de Auschwitz. Desse modo, o testemunho é sempre limitado e paradoxal, por testemunhar algo que não viveu, mas viu acontecer, ser a testemunha da testemunha, como Agamben aponta, é a contradição que fundamenta a produção daqueles que não viveram a arrasadora desumanização (e traumatização) dos *Lager* (campos alemães).

O sociólogo Lucas Oliveira em sua dissertação, ao estudar o testemunho de Levi faz uso do aparelho conceitual de Agamben, com algumas revisões a respeito a diferença da experiência dos que se salvam e dos que sucumbem[[2]](#footnote-2);

[...] a figura do sobrevivente como portador de uma memória e narrador de fatos, nota-se que essa tensão não sugere a negação do testemunho como *testis* (como o faz, em certa medida, Agamben, em seu denso *Qeul che resta di Auschwitz)*, mas propõe que a testemunha padeceria o envento traumático de dois modos distintos, concomitantes e complementares: vivendo determinada experiência e narrando-a como se fosse ‘‘historiador de si mesmo’’ (Levi, 2004c, .10); e vivendo certas experiências como se estivesse no papel de um terceiro [...] à figura mesma de um ‘‘observador participante’’ (OLIVEIRA, 2013, p.50).

Ou seja, não é consenso o uso dessa conceituação. Outro ponto que Agamben aponta é que as testemunhas narram e falam pela necessidade de compreender e não esquecer, não apenas pela justiça ou para apontar um culpado, mas essencialmente para colocar em discussão pública a memória daqueles que não puderam narrar a experiência da catástrofe. O autor, destaca que a Shoah não deve ser entendida como um evento único e incomparável, pois, tal colocação sacralizaria o passado de Auschwitz como intocável impedindo a discussão crítica e o alargamento sobre os estudos do testemunho. Elemento que aqui ressaltamos, pois, trata-lo como intocável, impediria nossas questões e renovações no campo.

Beatriz Sarlo (2007) em seu estudo sobre a memória e o testemunho pensa o ressurgimento e a validade do discurso em primeira pessoa para o estudo histórico. Dentro dos seus questionamentos, ela diagnostica que existe um problema para a historiografia, que é lidar com os discursos das testemunhas desmistificando e dessacralizalizando a sua aparência de verdade. Ao tratar dos testemunhos analisa Levi, como um sujeito que se considera responsável pela verdade de Auschwitz, a autora caracteriza seu relato como ‘‘curto’’ e ‘‘parco’’(SARLO, 2007, p.34). Sarlo alega que o testemunho de Levi não deve ser aceito como estatuto de verdade única e total, pois não viveu uma experiência completa:

O testemunho dos que se salvaram é a ‘‘matéria-prima’’ de seus leitores ou ouvintes, que devem fazer algo como o que lhes é comunicado e que justamente porque conseguiu ser comunicado, é só uma versão incompleta. Os que se salvaram ‘não podem senão lembrar’ (escreve Agamben), e, no entanto, não podem lembrar o decisivo, não podem testemunhar sobre o campo na medida em que não forma vítimas totais, como foi o ‘‘mulçumano’’ [..] (SARLO, 2007, p.35)

Sarlo (2007) a partir de Agamben, tece críticas a Levi, contudo, não considera que o filósofo trouxe seus questionamentos e comentários a partir das análises feitas pela própria testemunha. Segundo Sarlo a testemunha é ingênua ao afirmar uma totalidade da catástrofe, contudo, a autora esquece de dúvidas e questionamentos que a própria testemunha levantou a respeito de uma ‘‘representação total’’ (Levi, 2016). E a partir de uma leitura benjaminiana acrescenta desconfiança ao que Levi narrou, já que ‘‘o choque teria liquidado a experiência transmissível’’ (SARLO, 2007, p.28); ‘‘A memória tende a resgatar os ‘episódios singulares, clamorosos ou terríveis’, mas esses episódios ocorriam num tecido totalmente desfeito, que perdera quase por completo suas qualidades sociais. [..] é também irrepresentável a intensidade da experiência no campo [...]’’ (SARLO, 2007, p.35). Com a dimensão experiencial desfeita o discurso da testemunha é questionável e sua narrativa se resumiria aos aspectos morais e a uma necessidade psicológica. A autora aponta a partir da teoria literária que a autobiografia como uma linguagem é nada além de ficcional, uma ilusão autobiográfica. Contudo, mesmo que busquemos um outro olhar, consideramos que sua preocupação também é a nossa, ao argumentar que o testemunho não é a verdade e sim uma versão da verdade.

Diante da literatura e da psicanálise Marcio Seligmann-Silva destaca o caráter paradoxal do testemunho de Primo Levi, escrever o inenarrável, dar palavra e nome àquele acontecimento, aqui, diferente de Agamben, o autor caracteriza Levi como alguém que viveu uma experiência traumatizadora – o evento-limite. E não apenas presenciou, mas vivenciou na sua escrita, isto é, seu relato traria o choque, a fragmentação de alguém que viveu um processo limite e, escreve para além do caráter ético, mas também para se curar de sua patologia. Portanto, Levi narra diante de uma relação complexa, traumática, como uma ferida aberta que para ser curada é costurada pela narração que mistura realidade com ficção.

A professora e estudiosa de Primo Levi, Márcia Cabral, ao falar do gênero literário do testemunho acaba não explorando o suficiente essa discussão por constatar que:

Nos manuais de literatura, por exemplo, é comum encontrarmos definições para autobiografia, diário, como subgêneros literários, sugerindo estatuto menor, lugar fronteiriço. *Testemunho* sequer é mencionado. A qualificação, a meu ver, limita e em nada auxilia a reflexão. (CABRAL, 2015, p. 67).

Seligmann, pensando essa mesma questão, tem algo dizer a respeito da diferenciação metodológica da literatura de testemunho)[[3]](#footnote-3) . Ele considera que os testemunhos têm um compromisso com uma verdade e uma utilidade, essa literatura é feita com o ideal de comprovar e certificar uma experiência de vida:

Não se procura normalmente nessa bibliografia definir de modo estrito qual seria a literatura de testemunho: trata-se do *conceito de testemunho* e da forte presença desse elemento nas obras de sobreviventes ou de autores que enfocam as catástrofes (guerras, campos de concentração etc., predominantemente do século XX). (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.88

Considerando esses aspectos Seligmann traz a luz que o testemunho incorpora traços de uma autobiografia, ‘‘ou seja, o *testimonio* incorpora o “pacto autobiográfico” que afirma a coincidência entre o autor da narração e o seu protagonista. O testemunho é exemplar, *não-fictício* e é profundamente *marcado* pela oralidade. ’’ (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 90). Desse modo, podemos considerá-lo uma autobiografia, contudo, a referida caracterização não pode perder de vista as questões concernentes à ética na memória, na utilidade do passado para o presente dos vivos.

Em 2010, Seligmann vai aprofundar seu estudo sobre o lugar dos relatos dos sobreviventes[[4]](#footnote-4). O testemunho se localizaria dentro da categoria de diário, no texto *O lugar do testemunho* Seligmann diz:

Mas é claro que não existe um acesso direto a estas ruínas. Elas se misturam com as de nossos presentes. À escrita performática do diário responde a nossa própria leitura performática, na qual *nós* lemos no espelho do diário. Refletimo-nos, assim, nos cacos e estilhaços dos diários que lemos. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 8).

Para ele, o diário dá força para o teor testemunhal – isto é, o compromisso e a necessidade de se falar do passado para as gerações pós-Auschwitz – por esse tipo de literatura carregar os traços do presente, a escrita do autor-protagonista se mistura com os acontecimentos do passado, como também das circunstâncias que o sujeito está vivendo. O real e o ficcional no diário não se separam, mas se entrelaçam. O autor é o criador de um universo que é nomeado, pensado, com palavras e imagens frutos do passado e do presente que envolve o sobrevivente. O peso da tinta se alastra sobre o papel, descrevendo cenas estilhaçadas. Seligmann concluí que a característica do testemunho se organiza da seguinte maneira:

O testemunho funciona para ele como uma ponte para fora da sobrevida e de entrada (volta) na vida. Neste testemunho, misturam-se fragmentos, como que estilhaços (metonímias) do seu passado traumático, a uma narrativa instável e normalmente imprecisa, mas que permite criar o referido ‘‘volume’’ e, portanto, um novo local fértil para a vida. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.11)

Tanto Sarlo (2007) quanto Seligmann (2010) chegam a conclusões semelhantes a respeito da testemunha, o caráter ético, o moral, o compromisso e seus limites, e, é a respeito das delimitações que procuramos sugerir outras possibilidades que abordam as particularidades literárias que possibilitam trazer a forma da experiência, da sensibilidade e da contradição das vicissitudes do tempo. Seria Levi um sujeito que narra fragmentos imprecisos, instáveis e confusos? Ou a experiência do mulçumano é definitivamente tão distinta que invalida o seu testemunho? A produção de Levi deve ser apenas analisada diante da representação de uma busca do que foi Auschwitz, ou, devemos considerar a princípio a particularidade de sua narrativa como uma outra experiência?

Nós consideramos como Agamben, que este campo precisa ser expandido: ‘‘[..] o autor irá se sentir compensado por seu esforço se, [...] for minimamente capaz de fincar cá e lá algumas estacas que eventualmente poderão orientar os futuros cartógrafos da nova terra ética.’’ (AGAMBEN, 2008, p.21). Todos autores apresentados apontam aspectos diferentes, entretanto partilham da convicção da limitação da experiência. Seligmann considera um sujeito marcado pelo traumatismo, Agambem ressalta a ausência da experiência testemunhal em primeira pessoa e Sarlo, compartilhando dessas perspectivas acrescenta o problema da representação da verdade do sujeito. Todavia, o que buscamos nesse estudo é apresentar uma outra perspectiva sobre o paradoxo dos testemunhos, a que o seu aspecto contraditório não é apenas a fundamentação do caráter da literatura testemunhal, mas a possibilidade de uma outra experiência a partir do testemunho[[5]](#footnote-5).

Alberti Verena, ao analisar o campo da ‘‘escrita de si’’ e da ‘‘autobiografia’’ aponta a construção entre autor, narrador e personagem sendo uma relação tensa de tentativa e reunificação do ‘‘eu’’, essa subjetividade na escrita e criação dos desvios literários se fundamenta como autobiografia pelo esforço em unir essa tri-unidade no pacto-autobiográfico. E tal aspecto fornece possibilidades que não encerram numa ilusão romanesca. A saída de Alberti é diferente de Sarlo (2007) e Seligmann (2010), pois sugere a possibilidade de pensar a autobiografia como um ‘‘narrador benjaminiano’’[[6]](#footnote-6).

Temos que considerar um aspecto comum de muitos autores ligados à literatura do trauma, a de recorrem aos textos de Benjamin para justificar uma perda da experiência[[7]](#footnote-7). Segundo essa interpretação a contemporaneidade sofre um choque que atinge a sociedade e empalidece as relações, a coletividade, as conversas, as relações passionais, a tradição, os contos e histórias são ameaçadas de extinção. A fragmentação, incompreensão e a catástrofe nessa perspectiva se assemelha às circunstancias materiais e espirituais sofridas no campo e, desse modo, a literatura de testemunho é erguida, como fragmentária e, contraditória, marcada pelo trauma, confusões e esquecimentos entre real e fictício. O texto Experiência e Pobreza, escrito em 1933 é analisado por diversos vértices devido a sua riqueza, os estudiosos como Valle (2011), Oliveira (2013), Seligmann (2000) e Sarlo (2007) utilizam o referido texto de Benjamin:

Trauma e choque, para Benjamin, acarretam uma dupla incapacidade: a de recordar e a de narrar segundo determinada ordem lógica, totalizante e, por isso, portadora e produtora de significado coletivo. Restam apenas reminiscências perplexas, repetitivas e patológicas. Tanto para Freud quanto para Benjamin – conservando as particularidades de cada uma das construções conceituais e aplicações empíricas -, a ‘‘neurose traumática’’ ou a ‘‘experiência de choque’’ desenvolve a perplexidade extrema, a sensação indelével de mudez, de inabilidade mesma de falar e simbolizar. [...]com o relato de Primo Levi, no *lager,* tudo fora reduzido a essa ausência absurda, ao silêncio. (OLIVEIRA, 2013, p. 92)

Consideramos essa questão de grande valor para a reflexão a respeito da modernidade e a experiência, contudo, o que é deixado de lado é a dialética benjaminiana que é usada como ‘‘arma’’, para desvelar as contradições e as possibilidades de um outro relacionamento com a experiência. Benjamin busca na crítica a desconstrução do sentido, um cintilante momento do aparecimento da alegoria, que articula pela escrita outras possibilidades para uma nova concepção do modelo de experiência (*erfahrung*)[[8]](#footnote-8). E isso nos permite olhar o que é esquecido na teoria que estuda os testemunhos, isto é, a experiência, a narração e a transmissão. É devido a esse pensamento contraditório e dialético que chegamos a conclusões distintas sobre a experiência e o narrador em Benjamin (assim como Alberti), possibilitando construir teoricamente uma saída que não descamba na autobiografia como puro romance.

Como podemos caminhar para uma tentativa de entender a produção de Levi, sem conectar diretamente essa busca à tentativa de explicar o que foi os campos? Esse é nosso objetivo neste trabalho, pensar um sujeito com uma visão de mundo e uma bagagem particular, que se colocou a investigar, estudar, pesquisar e narrar que permitiram novas significações. Toda essa operação revela algo diferente daquilo que experienciou apenas em Auschwitz:

O gueto de Varsóvia, após a famosa insurreição da primavera de 1943, foi destruído, mas o esforço sobre-humano de alguns combatentes-historiadores (historiadores de si mesmos!) fez com que, entre os escombros de muitos metros de espessura, ou contrabandeado para além dos muros, outros historiadores reencontrassem o testemunho de como dia após dia aquele gueto viveu e morreu. (LEVI, 2016, p.8)

**A possibilidade de um intelectual que busca outra experiência**

Ao trazermos à tona essa discussão, podemos questionar, se existem outras possibilidades para pensar a experiência da testemunha da Shoah que é caraterizada como irrepresentável, por dois fatores, primeiro pelo evento ser arrasador e segundo pelo sobrevivente ser um ‘‘terceiro’’ no relato. Por esse caminho, questionamos a fundamentação do sujeito/objeto, isto é, a ideia de experiência como coisa construída e objetivada com elementos, conteúdos, sentido, teorias e ideias que é filtrada por pensamentos do indivíduo. Nossa questão não é uma crítica a psicanálise ou as escolhas literárias, mas diagnosticar que existe uma limitação da experiência do sobrevivente a partir de uma teoria de uma traumatizada ‘‘experiência’’ que engaiola o que Levi escreveu. E decorre que tal perspectiva evita outras possibilidades interpretativas sobre o que é a experiência. O lugar do testemunho tem um sentido consolidado, contudo, a partir do vocábulo de Benjamim, deve ser ‘‘traduzida’’ essa concepção para irromper uma reconstrução de uma nova experiência que rememora a tangencialidade (possibilidades) da escrita de Levi. Assim estamos refletindo epistemologicamente o testemunho, pois a ideia de experiência parece algo que limita a representação e, para rompermos, ou, ao menos sugerir outras possibilidades complementares, temos que fundamentar o *acontecimento* (experiência), o *objeto* (obra) e *ente* (sujeito).

Negar o argumento hermenêutico não é nosso objetivo, mas sim, trabalhar entre a interpretação filosófica e literária para nos aproximar daquilo que Hans Ulrich Gumbrecht (2010) chama de cultura de presença (que se aproxima do modelo de experiência de Benjamin)[[9]](#footnote-9). Essa noção de cultura de presença faz uma crítica a noção moderna de experiência apreendida a partir do elemento teórico-cognitivo que estaria antecedendo a dimensão prático-experiencial do acontecimento e, assim, limitando a interpretação da experiência do ser. O modelo moderno de experiência seria aquilo que o sujeito a partir do referencial cognitivo e epistemológico codifica como acontecimento experiencial. Nesse caminho, a experiência-choque (ou traumática) analisada anteriormente é uma formulação conceitual que se distancia da dimensão experiencial de Levi, por se focar apenas ou dar mais ênfase à representação de Auschwitz. A representação do que é chamado de experiência determina como é compreendido e delimitado no estudo sobre a narração de Levi. Desse modo, ressaltando a necessidade que Seligmann aponta de trazer uma nova visão a respeito das representações, acentuamos uma diferença do nosso projeto para com este, diferente do que ele chama ‘‘Da catástrofe pontual ao choque cotidiano’’(SELIGMAN-SILVA, 2000, p.73), ou seja, da devastação dos campos à incapacidade de narrar diariamente o vivido, procuramos ganhar outros tons diante de um novo eixo experiencial.

É nesse sentido entre o *acontecimento* e a hermenêutica que iremos destacar duas obras de Primo Levi *isto é um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, outras obras que o sobrevivente escreveu também são de enorme importância, mas aspectos muito particulares podem ser percebidos ao ser feita a leitura dessas duas obras. O relato *isto é um homem?* Além de detalhes, descrições minuciosas e falas corriqueiras, que demonstram a clareza das lembranças de Levi, traz na sua proza uma relação desumanizante, do homem e da civilização tomado por uma cosmogonia animalizada, um mundo em ruína que ameaça engolir o sobrevivente[[10]](#footnote-10). E em *Os afogados* que se aproxima de muitos dos relatos de *isto é um homem,* contudo, quando são novamente interrogados à luz de quase quarenta anos notamos mudanças de forma estética e narrativa dentro de seu testemunho. Assim podemos considerar que a re-apropriação em ‘‘*Os afogados’’* é feita diante de um Levi leitor, autor, narrador e personagem que viveu os campos de concentração, mas que saiu desse universo. E nesse aspecto, a testemunha e escritor aparece como um analítico, que opera uma ‘‘sociologia amadora’’ (OLIVEIRA, 2013) em seu testemunho e, dessa forma, diante de seus desvios narrativos nos fornece maneiras para compreender a experiência da própria narrativa como *acontecimento.* Iremos pensar a *presença* dos campos como mobilizadora inquietude da sua escrita, um irromper de um pensamento a partir daquilo que tangenciou sua escrita, que é a busca pela experiência.

A proposta de legitimar uma pesquisa apontando outras questões sem deslegitimar o campo de pesquisa, nos exige recorrer a um cotejamento com outra categoria além da testemunha, mas também a de intelectual. É por levantar um assunto a um público que não esteve nos campos, com ideias, experiências, conceitos, histórias, livros, romance, poesia, contos e testemunhos, decidimos pensa-lo como um intelectual. Levi, mesmo se permitiu a analisar esse o conceito de ‘‘intelectual’’ em Os afogados e os sobreviventes. Edward Said, reflete sobre a representação do intelectual e não o limita ao acadêmico: ‘‘ser um intelectual não é de jeito nenhum incompatível com o trabalho acadêmico ou mesmo com a profissão de pianista. ’’e ser intelectual favorecer questionamentos que‘‘[...]remodelaram totalmente o pensamento quanto é escrita da História, à estabilidade das tradições, ao papel da linguagem na sociedade. ’’ (SAID, 2005, p.77-78). A tarefa do intelectual é entrar em diálogo e debate com a sociedade partir da linguagem. Assim, consideramos que tal categoria possa valorizar a discussão e atualizar o repertório crítico sobre a literatura do testemunho.

O nosso caminho aqui trilhado evidência e busca desvelar alguns problemas primeiramente para a literatura de trauma, mas também, para a teoria da história ao apresentar questões epistemológicas. Ao refletir o ‘‘lugar da testemunha’’ refratamos esse discurso na tentativa de deslindar outras camadas de sentido e até mesmo da ‘‘presença’’ na escrita de Levi, que não se resume a uma testemunha ou sobrevivente, mas a uma efusão criativa que sugere a organização de um pensamento.

**OBJETIVOS**

O objetivo é esclarecer e apresentar outras saídas epistemológicas para a noção de experiência a partir de *é isto um homem? (1947)* e *Os afogados e os sobreviventes* (1986):

* Problematizar a concepção de testemunha na literatura do trauma diante de nosso questionamento sobre a experiência teórico-cognitiva a partir da concepção histórica e filosófica de experiência (*erfahrung*) de Walter Benjamin.
* Relacionar as produções *é isto um homem? (1947)* e *Os afogados e os sobreviventes* (1986) de Primo Levi, considerando que a historicidade e temporalidade revela na diacronia de cada obra uma concepção de passado que é configurada em um presente, para assim, compreender sua organização, escrita, desvios e rupturas em relação as formas estéticas e literárias;
* Refletir sobre a possibilidade literária de um narrador e intelectual na sua dimensão experiencial construída a partir de uma ruptura entre a condição de testemunha e sobrevivente;
* Propor uma abordagem do pensamento na produção Levi que abranja a concepção de um ‘‘acontecimento’’ (evento dos campos de concentração) como componente narrativo para construção de sentido que apresenta uma outra experiência, distinta da vivida nos Lager. Assim se afastando de uma proposta dicotômica entre acontecimento e representação do fato.

**HIPÓTESE**

O nosso caminho cruza com a narratividade produzida na obra de Primo Levi, a qual, em sua feitura, excede os aspectos da questão epistemológica do trauma da narrativa. A respeito dessas ideias temos uma hipótese, divididas em duas partes:

* Existe uma abordagem da literatura do trauma, a qual se dedica a estudar os testemunhos dos sobreviventes dos campos de extermínio nazistas e evidencia os limites da representação. As limitações traçadas nessa teoria dizem a respeito ao que é possível narrar sobre o trauma dos campos. Contudo, quando se parte da obra de Levi, de que modo esses limites são possibilidades de problematização? A concepção do relato testemunhal limita à procura da experiência nostálgica dos campos, e assim, devido seu caráter problemático, toda a produção, estética, interpretativa, narrativa desse sujeito é entendida como um ‘‘narrar o inenarrável’’, desse modo, impede de se compreender o narrador e a obra em si no mundo. A teoria da literatura de trauma se colocando no lugar epistemológico dos limites da representação da catástrofe, deixa de lado possibilidades da narratividade e da transmissão de experiência presentes nas obras *isto um homem? (1947)* e *Os Afogados e os Sobreviventes* (1986), que ultrapassam o campo teórico.
* A linguagem nessas duas obras de Levi tangencia uma busca além da experiência temporal de Auschwitz presente no objeto, e sim, um mergulhamento numa prosa crítica e eficaz que permite descentralizar a raiz tradutora que tenta decifrar o ‘‘o que foi’’ para de fato compreender sua produção, diante dos fios conectores da trama do tempo na operação da sua escrita depois de Auschwitz. Ao deslocar da perspectiva da testemunha sobrevivente que narra ‘‘o que foi Auschwitz’’, traremos a possibilidade de refletir sobre a testemunha, intelectual, narrador que abarca o ‘‘como foi’’ – o ‘‘poder-ser’’ – desenvolvida a produção literária do pensador e da própria obra que carrega uma outra experiência.

**PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

Com o intuito de investigar e abranger outra abordagem possível sobre a literatura testemunhal trazemos uma bibliografia que reflete esse interesse epistemológico. A possibilidade de investigar *isto um homem? (1947)* e *Os Afogados e os Sobreviventes* (1986) têm muito a acrescentar ao gênero literário e a teoria da história. A partir de autores como Walter Benjamin e Heidegger que questionaram o modelo moderno de experiência fundamentando um redesenho epistemológico da experiência, procuraremos inverter o referencial, articulando o acontecimento com a experiência, isto é, redirecionando para o prático-experiencial, a ação na *eventividade* nos orientará para uma compreensão teórica.

Para a procura da experiência outra, traçamos a necessidade de abarcar a hermenêutica e o conceito de presença. E nesse âmbito o historiador Gumbrecht ressalta que uma obra tem *presença*, isto é, uma coisa que ocupa espaço, sendo tangível e não apenas apreensível. Para esse autor a produção de presença é a relação espacial com o mundo e seus objetos. E as obras de Levi serão encaradas como coisas que implicam num impacto imediato em corpos humanos. Assim tomamos o ato de ser uma testemunha e um intelectual engajado uma expressão que emerge formas de expressão trazidas nas duas obras de Levi. Ao serem ‘‘trazidas’’ essa presença material não se trata apenas da representação do que resta de Auschwitz, mas a da narração.

A possibilidade da ‘‘imersão na história’’ será realizada diante do confrontamento do que se chama de gênero literário de testemunho, portanto, utilizaremos recursos teóricos do estudo do romance, como a ficção e a realidade (CHARBEL, 2010). Para abrir o leque que constata o limite da superfície da aparência e do desafio da falência do ‘‘estatuto da verdade’’ representável, recorremos aos estudos literários para encontrar na própria estrutura da narrativa dos acontecimentos escritos por Levi os traços da literatura realista na ‘‘verdadeira’’[[11]](#footnote-11) ‘‘imersão’’ diante da ideia de compreender o que aconteceu: ‘‘Aconteceu, logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer. ’’ (LEVI, 2016, p.164) (CHARBEL, 2017) (SCHUBACK, 2007)[[12]](#footnote-12). Tal objetivo não deve ser buscado de maneira ingênua, ressaltando o aporte teórico de Paul Ricouer, o ‘‘realismo crítico’’ que ressalta a construção de uma busca da verdade confrontada pelos aspectos tanto objetivos e subjetivos da pesquisa, que propõe uma abordagem mista. E nessa consideração, ressaltamos o princípio da busca de uma ressignificação que almeja a verdade e ao mesmo tempo reconhece que o rastro deixado pela literatura deixa sempre aberto à narração a reinterpretação para um novo sentido[[13]](#footnote-13).

O conceito de Narração permeia toda a obra de Benjamim. Em “Experiência e pobreza” enuncia a fábula sobre o velho sábio que conta aos seus filhos sobre um tesouro escondido na vinha, não acham nada, entretanto, a vinha cresce se fortalece e dá uma farta colheita. Benjamin chama a atenção para o saber que o velho carregava que antecede a vida dos seus filhos e até mesmo a do velho. A transmissão das palavras acontece de geração para geração. Esse saber é enunciado por aquele que está próximo da morte, neste curto e precioso momento que o conhecimento do moribundo é narrado. Ao olharmos nossa fonte, estamos conscientes de um conhecimento sobre a tragédia dos campos. Assim, Levi transmite uma experiência por meio de sua obra, para que seja conhecida, lida e compreendida pelas gerações que não viveram os campos de concentração.

A narração está relacionada com a experiência, as duas se fazem juntas, Benjamin esclarece que, com a chegada da modernidade, a narrativa foi deixada de lado, e, o romance tomou lugar. O romance não precisa do contato com a vida cotidiana, das conversas de roda, dos contos, das fábulas e histórias contadas e compartilhadas pelos sujeitos. O romance é uma produção individual, solitária, diferente da narração, este não compartilha experiência entre os sujeitos. A imprensa moderna rompeu com a narrativa e transformou tudo em informação de dados, vazios e efêmeros, notícias que tem validade de apenas um dia nos jornais produzidos em massa. O texto de Levi nos permite romper com essa lógica e pensar uma retomada da narrativa, por um sujeito que conta uma história com uma imensa riqueza de detalhes sobre os perigos do passado para os vivos do presente[[14]](#footnote-14). Mas, é nessa condição produtiva que ela irrompe e não se restringe a esfera do vivido e se estabelece em si mesma um modo, uma forma e uma escrita que se comunica na sua própria linguagem uma experiência.

O narrador é o enunciador da história, o personagem é o enunciado, o autor é aquele que se remete. O indivíduo que escreve busca na semelhança, o ângulo de refração da narração e da formação do personagem que repousam na história de vida e nas experiências que ele sentiu. Esta semelhança se dá pela retomada do passado que está distante do tempo de escrita (Ao considerarmosa distância de *isto é um homem?* (1947)e *Os afogados e os sobreviventes* (1986), de 40 anos). Alberti fazendo uso de Lejuane, considera dois princípios no pacto autobiográfico: escrever o que aconteceu e restituir o passado, uma síntese. Tal síntese valoriza certos eventos em detrimento de outros, recorta, seleciona, exclui e da ênfase a certos elementos, para a construção de um significado. Isto é, uma criação controlada. Aqui reencontramos de forma dialética como os sujeitos se dão na produção artística de obras que não se limitam a categorias e gêneros, mas sim, as formas de transmissão de experiências estabelecidas em sociedades ancestrais do passado podendo ressurgir de maneira ressignificada em favor dos vivos (GAGNEGBIN, 2006). O motor que energiza nossas pretensões não é fixar *isto é um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes* em uma gaveta cartesiana, mas, cotejar reflexões que possibilitem conhecer o testemunho de Levi.

Nesse próprio ato de recordação criativa, que pela contradição reconstrói não apenas experiência do vivido, mas algo novo, que Peter Szondi nos auxilia a compreender o *modus* do trágico na literatura. Segundo Szondi, o herói é aquele que revela um conhecimento para sua comunidade, contudo, devido ao crime da descoberta, o personagem é levado à morte. A falta de um herói não impossibilita a realização da tragédia[[15]](#footnote-15). O modelo trágico não impossibilita outras formas estéticas de submergirem. O trágico não precisa ser enunciado para se fazer valer, a operação dentro da obra transparece os seus elementos de tragicidade (SZONDI, 2004, p.82). Segundo Szondi, a tragédia se refere a uma narrativa que inclui oposições, em que o objeto se torna o seu contrário, ou algo totalmente diferente, isto é, a dialética que interpõe a tese e a antítese em algo novo esse é o paradoxo da tragédia[[16]](#footnote-16).

É desse modo que a categoria de intelectual nos permite entender o discurso traçado nessas duas obras o caráter trágico que deslinda uma condição criativa e da experiência testemunhal. E nessa lógica fomos motivados a destacar uma característica particular em Levi, que além de ser uma testemunha, que revela o engajamento de uma figura intelectual que narrava a um público uma história. A construção desse seu pensamento, nos permite pensar suas contradições e ambiguidades possíveis para abrir portas no conflito trágico e criativo de sua literatura que desvela uma outra experiência, não a do mulçumano, mas a de uma testemunha intelectual. O engajamento intelectual trágico para Benoît Denis pode nos auxiliar a encontrar uma saída possível para a testemunha-narrador intelectual: ‘‘O engajamento é assim, para a literatura, um horizonte ao mesmo tempo necessário e impossível de se atingir; mais uma questão a ser colocada do que uma resposta a dar, mais um desejo ou uma vontade do que uma realidade efetiva. ’’ (DENIS, 2001, p.304)[[17]](#footnote-17).

Problematizando o caráter da testemunha a partir dessa concepção tanto de um narrador como de um intelectual encontramos o elemento trágico que vamos pensar sua condição de continuar a escrever e compartilhar o que viveu em Auschwitz desvela em um duplo movimento, primeiro, ao fazer a escolha de falar contrapõe o esquecimento. O segundo estágio põe em questão o próprio narrar e determina o que pode ser lembrado. Essa condição estabelece a relação de uma tragicidade que nos guiará e se amplia ao ressaltar o caráter do humilde narrador, que não encontra no sujeito toda a integridade do relato de Auschwitz, e nisso, que o interior da obra desvela uma outra interação entre sujeito narrador e narrativa que desdobra uma outra experiência distinta do trauma.

1. Graduado em Licenciatura em História pelo IFG-Goiânia. Projeto de mestrado com a orientação da professora Dra. Maria Abadia Cardoso. Email: atila.sans@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. OLIVEIRA, Lucas, Amaral. Notas sobre uma trajetória adversa: Primo Levi de Turim a Auschwitz. In: Primo Levi e os Rumores da memória: Limites e desafios na construção do testemunho. 2013. Dissertação de mestrado em Sociologia. Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. [↑](#footnote-ref-2)
3. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho da Shoah e literatura. Visualizado: http://diversitas.fflch. usp.br/files/active/0/aula\_8.pdf. Acessado dia 16 de maio de 2018. [↑](#footnote-ref-3)
4. SELIGMANN-SILVA. Márcio. O LOCAL DO TESTEMUNHO. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3 – 20, jan. / jun. 2010. [↑](#footnote-ref-4)
5. LIMA, Natalie, A.Walter Benjamin leitor de Marcel Proust Uma crítica baseada no declínio da experiência. Revista Escrita, Ano 2011. Número 12. p.1-13. [↑](#footnote-ref-5)
6. ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81. [↑](#footnote-ref-6)
7. BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: O anjo da história. Trad. De João Barrento – 2. Ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2016, p.83-90. Em *Experiência e Pobreza* Walter Benjamim argumenta que existe uma depressão ou uma baixa na experiência, mas nunca uma negação ou perda total.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Obras escolhidas I. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. 197-221p. [↑](#footnote-ref-7)
8. OLIVEIRA, B. “Heidegger, Benjamin e a obra de arte como experiência”. In: Viso: Cadernos de estética aplicada, v. VIII, n. 15 (jan-dez/2014), pp. 170-176. [↑](#footnote-ref-8)
9. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010. [↑](#footnote-ref-9)
10. CALDAS, P. “Variações experimentais: um estudo sobre a narrativa em A trégua, de Primo Levi”. In: Viso: Cadernos de estética aplicada, v. IX, n. 17 (jul-dez/2015), p. 133-147. [↑](#footnote-ref-10)
11. No sentido benjaminiano de verdadeira encontramos a ideia de origem, construção indivisível do autor que traz na existência de uma Obra de Arte, seu sentido que transmuta com o tempo presente seu valor sensível e espiritual do narrador no mundo e para o mundo. Tal concepção revela que a narrativa que o autor cria é mais do que um espelho de si, mas uma força mobilizadora para um coletivo que pode irromper em um momento (agora) e trazer transformações - tais elementos só são deslindados a princípio pelo *poeta-mundo* e depois a partir da tarefa do crítico. [↑](#footnote-ref-11)
12. CHARBEL, F. Repactuar o romance histórico e a ficção biográfica: sobre *HHhH*, de Laurent Binet. *Art*Cultura, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 31-41, jul.-dez. 2017.

CHARBEL, F. “Coetzee, Nooteboom, e o 'ilusionismo realista'”. In: Viso: Cadernos de estética aplicada, v. IV, n. 9 (jul-dez/2010), p. 76-84.

SCHUBACK, M. C. “Entre Kafka e Heidegger: reflexões sobre a relação entre literatura e filosofia na era da técnica”. In: Viso: Cadernos de estética aplicada, v. I, n. 3 (set-dez/2007), p. 56-69. [↑](#footnote-ref-12)
13. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. [↑](#footnote-ref-13)
14. GAGNEGBIN. Jeane-Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. 13-29p. [↑](#footnote-ref-14)
15. O herói, segundo o Dicionário de Teatro de Patrice Pavis, é aquele que se coloca em um conflito moral respondendo pelo seu erro e se reconciliando consigo mesmo ou com a sociedade. O herói está fadado a punição da lei divina e a condição de uma consciência trágica e livre. Pavis, Patrice, 1947 - Dicionário de teatro / Patrice Pavis; tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3. ed - São Paulo : Perspectiva. 2008. p.193. [↑](#footnote-ref-15)
16. SZONDI, Peter. SZONDI, Peter. Transição: Filosofia da história da tragédia e análise do trágico. In: Ensaio sobre o trágico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004. p.77-86. [↑](#footnote-ref-16)
17. DENIS, Benoît. O refluxo do engajamento. In: Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre. Tradução de Dagobert de Aguirra Roncari. São Paulo: EDUSC, 2002. p.287-311. [↑](#footnote-ref-17)